

O sangue estampado - Menstruação, Antropologia das Emoções e Design em um projeto inspirado no livro de Lara Owen

*Blood on Fabric - Menstruation, Anthropology of
Emotions, and Design in a project inspired by Lara
Owen's Book*

Larissa Pelúcio

Doutora em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Helena Trevizan Aires Ramos

Graduada em Design

Resumo

Este artigo apresenta e discute um conjunto de estampas que foram concebidas a partir dos arquétipos menstruais propostos por Lara Owen, em seu livro *Seu Sangue é Ouro*. Os desenhos foram pensados como linguagem de resistência e ressignificação das emoções em torno do ciclo menstrual associado, pelas pessoas que participaram da pesquisa, à vergonha, ao medo e, por vezes, ao desejo de ter nascido com outro corpo. O ciclo menstrual é discutido a partir de aportes críticos dos estudos feministas pós-estruturalistas, da Antropologia das Emoções contextualista e do Design Emocional. Tencionamos as abordagens biologizantes em torno da menstruação e das emoções propondo-nos, por meio dos desenhos estampados em camisetas, provocar outros olhares e politizar as emoções em torno da menstruação.

Palavras-Chave: Seu Sangue é Ouro; Design Emocional; Antropologia das Emoções; feminismos menstruais.

Abstract

This paper presents and discusses a collection of prints that were created based on the menstrual archetypes proposed by Lara Owen in her book "Your Blood is Gold." The designs were developed as a form of resistance and redefinition of the emotions surrounding the menstrual cycle, which are often associated with shame, embarrassment, and discomfort by those who participated in the research. This paper explores the menstrual cycle through the lens of critical contributions from post-structuralist feminist studies, contextualist Anthropology of Emotions and Emotional Design. Our intention is to challenge biologizing approaches to menstruation and emotions by provoking alternative perspectives through the T-shirt designs. Our aim is to politicize the emotions surrounding menstruation and encourage new ways of thinking and talking about this important topic.

Keywords: Your Blood is Gold; Emotional Design; Anthropology of Emotions; menstrual feminisms.

Introdução

Este era um pensamento radical - imagine não possuir nem um sinal, um vestígio, oculto em alguma parte de suas células ou de seus pensamentos, que pudesse implicar a existência de algo que me envergonhasse pelo fato de ser mulher. É isso que quero, pensei (OWEN. 1994, p. 12).

Vivemos o momento de maior menstruação da história. A combinação entre menarcas acontecendo cada vez mais cedo, expectativa de vida em crescimento e menos filhos sendo gerados, tudo isso resulta em mais pessoas menstruando. Em contrapartida, estamos imersas em lógicas neoliberais, produtivistas, que azeitam as tramas de uma sociedade capitalista e patriarcal, as quais levaram pessoas que menstruam a se ajustarem a uma realidade não cíclica que faz com que fiquem cada vez mais vulneráveis a mobilizarem emoções negativas em relação a seus períodos.

Novas versões de tabus antigos cercam a menstruação contemporânea, talvez o mais popular deles seja a força disruptiva da TPM (Tensão Pré-Menstrual), sigla que, na afiada proposta de Alma Gottlieb, foi transformada em verbo em seu uso popularizado. Estar de TPM é estar sob suspeita, uma vez que há uma tendência em se crer que a pessoa que está próxima de menstruar ou já está menstruada não é confiável, dada à sua presumida instabilidade emocional. Ela "pode perder o controle de suas emoções em geral e de expressar irritação, crítica ou raiva em particular" (GOTTLIEB, 2020, p. 144)¹.

¹"[T]his neologism typically indexes just one symptom: the supposed tendency for a menstruating woman to lose control of her emotions in general, and to express annoyance, critique, or anger in particular".

A raiva e o descontrole emocional convivem com a vergonha, outra antiga emoção que cerca a menstruação. A perda de sangue de forma involuntária e o suposto poder poluidor desse sangue o tornam vergonhoso e, ao mesmo tempo, perigoso. Vergonha de revelar a menstruação pelas manchas nas roupas ou de ter de ir ao banheiro da escola escondendo entre as mãos um absorvente higiênico, como se ele fosse algo ilícito, forma um complexo emocional (COELHO, 2010) no qual o medo é sempre um componente estressor. Medo de sangrar em público e ter o sangue denunciando uma condição que deveria ser escondida. O sangue menstrual é também divulgado como um fluido que carrega impurezas e a crença que ele pode ter até mesmo o poder de tornar um homem impotente sexualmente ainda circula.

Ramos já havia experimentado todo esse complexo de emoções, quando leu *Seu sangue é ouro - Despertando para a sabedoria da menstruação*, de Lara Owen. O livro a impactou de tal forma que tornou-se a peça de referência de seu trabalho de conclusão de curso (TCC) em Design Gráfico². No dia de sua banca de defesa do TCC, Ramos se sentia entre nervosa e confiante, foi quando recebeu o convite para escrever esse artigo.

Pelúcio está na menopausa e pensou que teria vergonha de assumi-lo, mas descobriu nos tratamentos alternativos com florais da Amazônia que essa nova fase não precisava ser vivida com sentimentos de perda e calores. Há menos de um ano ela vem desenvolvendo o projeto intitulado *Menstruação e tecnopolíticas de resistências - ativismos feministas e plataformização do ciclo menstrual*³. No dia que integrou a banca de defesa de TCC de Ramos, a professora pensava nas profundas mudanças simbólicas pelas quais o ciclo menstrual está passando e convidou Ramos para escrever este texto.

Este artigo nasce, portanto, do encontro entre duas mulheres cisgêneras, de gerações distintas, com interesses de pesquisa comuns e movidas por entusiasmo intelectual e um certo orgulho despudorado em falar de menstruação em meio acadêmico. O que as tem levado a discutir o ciclo menstrual a partir de aportes críticos dos estudos feministas que dialogam com o pós-estruturalismo, considerando, como propôs Joan Scott (1995), o suporte teórico para a categoria gênero. "Na medida em que permite questionar as categorias unitárias e universais e torna históricos conceitos que são normalmente

²O TCC se intitula *O Fluxo da Vida: Estampas inspiradas nos conceitos do livro "Seu sangue é ouro", de Lara Owen*, foi defendido em fevereiro de 2023, junto ao Departamento de Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", orientada pela profa. Cassia Leticia Carrara Domiciano e co-orientada pelo prof. Ms. Jorge Otávio Zugliani.

³Projeto contemplado com bolsa produtividade nível 2 junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

tratados como naturais, como, por exemplo, 'homem' e 'mulher'" (MARIANO, 2005, p. 486). À perspectiva pós-estruturalista, a discussão aqui proposta, articula, também, Antropologia das Emoções e Design Emocional.

Como material empírico, tomamos uma série de cinco estampas para superfícies têxteis criadas por Ramos. Os desenhos foram pensados como linguagem de resistência e ressignificação das emoções em torno do ciclo menstrual associado à vergonha, ao medo e, por vezes, ao desejo de ter nascido com outro corpo. Complexos emocionais foram expressados pelas pessoas que responderam o formulário elaborado por Ramos como um dos instrumentos metodológicos de sua pesquisa. Amparada nesses resultados e inspirada pelas teses do livro *Seu sangue é ouro - resgatando o poder da menstruação*, de Lara Owen, a designer buscou expressar nas estampas conexão entre o ciclo menstrual e elementos ancestrais; vitalidade e sangue menstrual e empoderamento feminino.

Iniciamos apresentando o projeto das estampas desenhadas por Ramos, discutimos e analisamos os resultados obtidos por meio do formulário digital distribuído pela pesquisadora como fonte de informação para um design emocional. Em seguida, ensaiamos aproximações teórico-conceituais entre Antropologia das Emoções e o Design Emocional. Neste percurso, entramos em diálogo com aportes feministas e o campo teórico das emoções, na perspectiva pós-estruturalista e contextualista.

O fluxo da vida – estampas sem vergonha

A série de estampas "Fluxo da Vida" foi o produto criado por Ramos e apresentada como requisito parcial para a obtenção do bacharelado em Design Gráfico⁴. Para a elaboração do produto, além da referência de similares, estudos de cores e materiais, a designer se valeu das teses propostas pela pesquisadora e fitoterapeuta Lara Owen em seu livro *Seu sangue é ouro - resgatando o poder da menstruação*, tomando-os como referentes teóricos e conceituais. Owen está escrevendo *Seu Sangue é Ouro* no início dos anos de 1990, a primeira edição da obra é de 1993, momento em que o conceito de gênero começava a circular com mais robustez teórica entre feministas⁵. No campo discursivo de

⁴Na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Design exige a elaboração de um produto, que deve ser acompanhado de um relatório científico.

⁵"Entre as/os acadêmicos/as que dialogam com as discussões feministas, o conceito de gênero foi abraçado com entusiasmo, uma vez que foi considerado um avanço significativo em relação às possibilidades analíticas oferecidas pela categoria 'mulher'. Essa categoria passou a ser quase execrada por uma geração para a qual o binômio feminismo / "mulher" parece ter se tornado símbolo de enfoques ultrapassados" (PISCITELLI, 2002, p. 7).

ação⁶ dos feminismos, "Mulher" tornava-se um termo disputado e problematizado. Mesmo as vertentes mais revolucionárias do movimento feminista estavam centradas na ideia de Mulher, definida mais por seus aspectos biológicos e fisiológicos que políticos⁷. Owen está entre as teóricas a trabalhar com a categoria mulher, tomando-a como central para suas reflexões. A mulher de *Seu Sangue é Ouro* é cisgênera, de classe média e, presumidamente, branca. Exceto aquelas que trazem a inspiração crítica para a autora, quem busca nos saberes de povos nativos das Américas outros conhecimentos sobre o ciclo menstrual.

O livro estava sendo escrito quando as discussões sobre identidades de gênero dissidentes ainda estavam sendo tratadas nos marcos das ciências PSI (psiquiatria, psicologia, psicanálise), em abordagens mais patologizadas. As identidades trans (transexuais, travestis e transgêneros) e não-binárias ainda não haviam alcançado a força política que passariam a ter nestas primeiras duas décadas do século XXI, incluindo-se nesses avanços, que mesmo ainda insuficientes, a formação de um campo transfeminista, profícuo em produção teórica⁸.

Reconhecemos as limitações da obra na discussão do ciclo menstrual para além dos corpos cisgêneros, assim como a entendemos como um texto seminal do que hoje se conhece como feminismo espiritualista. Apostamos que uma leitura menos essencialista do texto de Owen é possível a partir dos aportes teóricos de feminismos menstruais que tensionam e desafiam perspectivas biologicistas sobre os corpos menstruantes. Assim

⁶A proposta teórico-epistemológica de Sonia Alvarez nos contempla grandemente, uma vez que, para a autora, "os campos discursivos de ação são muito mais do que meros aglomerados de organizações voltadas para uma determinada problemática; eles abarcam uma vasta gama de atores/es individuais e coletivos e de lugares sociais, culturais, e políticos. Os setores mais política e culturalmente visíveis desses campos, e os pontos nodais que os articulam, variam ao longo do tempo. Em diferentes momentos, distinta/os autoras/es ou vertentes ganham maior ou menor visibilidade política e cultural, e maior ou menor acesso ao microfone público e aos recursos materiais e culturais, às vezes conseguindo se estabelecer como hegemônicos. E em contextos históricos distintos, diversos atores, como por exemplo, setores da Igreja, as ONGs, ou até espaços dentro do próprio Estado, podem servir como nós articuladores desses campos. Eles se articulam, formal e informalmente, através de redes político comunicativas – ou melhor, teias ou malhas – reticuladas" (ALVAREZ, 2014, p. 81).

⁷Por exemplo, o feminismo radical dos anos de 1970 considerava a reprodução e os processos fisiológicos à ela relacionados como amarras biológicas para a emancipação feminina. Uma das mais expressivas teóricas do feminismo radical, Sulamith Firestone, em "sua análise mais materialista", defendia que "a libertação das mulheres viria das transformações da tecnologia de reprodução, que poderia no futuro próximo eliminar a necessidade do corpo das mulheres como agentes de reprodução da espécie" (SCOTT, 1995, p. 77).

⁸Finda a primeira década deste século, vimos crescer a produção biográfica transfeminista, bem como o ativismo em torno das identidades de gênero trans, bem como acompanhamos o alargamento do vocabulário conceitual produzido nesse campo discursivo de ação. Para algumas leituras transfeministas: Jaqueline Gomes de Jesus (2010) e Boris Guzmán (2014); Hailey Kaas (2016); Sara York, Magg Rayara Oliveira e Bruna Benevides (2020); Beatriz Bagagli (2021); Letícia Nascimento (2021).

como tomamos as contribuições da Antropologia das Emoções para promover um diálogo crítico com Owen. Ao acolher as emoções como fontes valiosas de conhecimento, a autora nos oferece uma abordagem que desafia a hierarquia patriarcal que prioriza a razão em detrimento à emoção.

Na perspectiva do Design Emocional proposta por Donald Norman (2004), as emoções também são valoradas, pois é por meio delas que nos relacionamos com o mundo. Um mundo no qual, segundo Norman, todas as pessoas são desingner, "porque temos de sê-lo"⁹.

Nós, cientistas, agora compreendemos o quanto a emoção é importante e valiosa para a vida diária. É claro que utilidade e usabilidade [de produtos e coisas] são importantes, mas sem diversão e prazer, alegria e entusiasmo, e até ansiedade e raiva, medo e fúria, nossas vidas seriam incompletas (NORMAN, 2014, p. 28).

As emoções atravessam o projeto de estamparias aqui analisado. À vergonha e ao medo estampadas nas respostas obtidas por Ramos por meio de formulário digital, a designer projetou peças pensadas para a ressignificação emocional do ciclo menstrual.

Para desenvolver o conjunto de estampas inspirada nos arquétipos que Owen atribui à menstruação e seu ciclo, Ramos busca conhecer a relação de um grupo de mulheres cisgêneras e de pessoas não-binárias, com o ciclo menstrual. Para tanto construiu um questionário digital na plataforma do Google.

O *Google Forms*¹⁰ foi distribuído por meio de redes sociais on-line da pesquisadora. Os

⁹ Nos argumentos de Norman, somos designers pois "nós manipulamos o meio ambiente para que ele sirva melhor às nossas necessidades. Seleccionamos que coisas queremos comprar e quais queremos ter ao nosso redor. Construimos, compramos, arrumamos e reestruturamos: tudo isso é uma forma de design" (NORMAN, 2014, p. 254).

¹⁰ O formulário é anônimo e contém 20 questões, sendo 02 delas sobre dados socio-culturais como idade e ocupação laboral (optamos por não perguntar sobre gênero). As demais questões estão listadas a seguir: 1. Você já sentiu vergonha em menstruar? 2. Se sente (ou já se sentiu em algum momento) constrangido [linguagem não binária] em situações como dizer que está menstruado [linguagem não binária] ou precisar comprar/pedir emprestado um absorvente? 3. Quais dos seguintes sentimentos experimentou quando menstruou pela primeira vez? [Vergonha; Alegria; Nojo; Orgulho; Tristeza; Medo; Satisfação; Tranquilidade; Eu não me lembro]. 3. Já desejou não ser mulher por conta das dificuldades de manutenção e cuidado decorrentes do corpo feminino? 4. Com que frequência você reserva um tempo para cuidar de si e curtir a própria presença (seja relaxando através de meditação, banho, música). 5. Alguma vez ouviu falar em menstruação consciente? 6. Após a sua primeira menstruação e no decorrer do seu período reprodutivo, você encontrou apoio externo? No sentido de informações sobre a natureza feminina que vão além do uso de absorventes ou funcionamento básico do ciclo. 7. Sabemos que a menstruação é vista como tabu na sociedade atual. Você já vivenciou uma situação de repressão ao comentar ou se referir a esse ciclo abertamente? 8. Você já teve contato com materiais sobre a temática menstrual? 9. São frequentes falas como "Quem menstrua tarde tem sorte, pois quanto mais tarde começar, mais cedo vai terminar. Assim, terá menos ciclos menstruais ao longo da vida". Você concorda com esse ponto de vista, em que a menstruação é vista como um incômodo? 10. Quais dos seguintes sentimentos experimentou quando menstruou pela primeira vez? 11. Você apresenta sintomas físicos e/ou psicológicos relacionados à tensão pré-menstrual (TPM)? 12. O quanto isso te afeta? 13. O quanto você se considera ligada [linguagem não

Grupos de interesse do Facebook e de WhatsApp, foram os canais de divulgação utilizados. Ainda que tenha havido um esforço em alargar o alcance do Forms, entre as 72 respostas obtidas, mais da metade delas vieram de estudantes universitárias vinculadas à mesma instituição onde a pesquisa se realizou¹¹. A maioria absoluta das respondentes foi composta por mulheres cisgêneras.

Os resultados mostraram que mesmo entre jovens, que fazem parte de um grupo social e acadêmico no qual questões de gênero, corpo e sexualidade têm sido largamente discutidas, vergonha e medo são termos que compõem a gramática emocional da menstruação.

A vergonha não se restringiu ao momento da menarca, associado ao “se tornar mulher”, mas se coloca como algo que persiste por toda a experiência menstruante. Das 72 pessoas respondentes, 52 associaram a menstruação à vergonha. Falar publicamente sobre menstruação ou se dizer menstruada não as deixa confortável. Mais da metade (66,7%) das pessoas que responderam o questionário revelaram que em algum momento chegaram a desejar não ser mulher (ou ter nascido com útero) devido às dificuldades de manutenção e cuidado decorrentes de um corpo menstruante. Esses dados validam uma perspectiva predominantemente pessimista sobre seus processos naturais. Perspectiva essa criada e encorajada pela falta de apoio externo no momento da menarca, pela repressão sexual que associa menstruação à possibilidade de se engravidar, e até mesmo pela indústria de produtos de higiene feminina que insiste em rotular como medicalizável os variados efeitos do ciclo em seus corpos.

Até mesmo mulheres com alto grau de instrução perpetuam tabus menstruais de forma íntima e pública. Pesquisas robustas ao longo de várias décadas sobre os muitos eufemismos que as mulheres usam para suas menstruações sinalizam como continua sendo um tabu sociológico para as mulheres em muitos ambientes discutir essa função biológica básica (por exemplo, Cauterucci 2016; Chrisler 2011;

binária] à natureza? 14. Muitas pessoas se sentem reféns de sintomas durante o período menstrual. A qual ferramenta você recorre para lidar com esses sintomas? [Remédios; Métodos naturais; Nenhuma; Ambos; Não uso; Tento sempre manter a atividades físicas; Bolsa de Água-quente, prática de yoga, entre outros métodos alternativos; 15. Já fez o uso de pílulas ou algum outro método de interrupção do ciclo menstrual?; 16. Você tem o hábito de tirar momentos de repouso durante o período menstrual? 17. Gostaria de conhecer melhor o seu ciclo menstrual e como ele interfere física e mentalmente na sua vida? 18. Se te apresentassem alternativas naturais para conviver com sua menstruação de uma forma mais tranquila e harmônica, com a redução de dores características, você tentaria?

¹¹O forms foi enviado também para colegas de trabalho e familiares, com pedido de divulgação do mesmo entre as redes pessoais e profissionais. Por meio do Facebook tentou-se grupos mais afinados com a temática da pesquisa, mas se tratava de grupo privado, o que demandou pedido de participação, o qual não foi respondido. Por já fazer parte de um grupo sobre a boneca Barbie, a pesquisadora lançou ali o forms com explicações detalhadas do trabalho que estava realizando. O grupo reúne adolescentes e jovens adultas e por estar familiarizada com as discussões naquele ambiente a pesquisadora considerou o espaço propício para a divulgação do questionário.

Ernster 1975; Thornton 2013). Independentemente do conteúdo metafórico, esses eufemismos compartilham um objetivo: evitar descritores biológicos claros como "menstruação", "período menstrual" ou "período" (Kissling 1996; Newton 2016; para exemplos além do inglês, consulte Escaja 2018; Ren, Simon e Wu 2018) (GOTTLIEB, 2020, p. 145)¹².

Para Owen, fomos envolvidas pelas crenças de sociedades marcadas por práticas patriarcais e capitalistas, as quais levaram as mulheres a se ajustarem a uma realidade não cíclica que faz com que fiquem cada vez mais vulneráveis a atitudes negativas em relação a seus períodos. Ainda que a autora trabalhe com uma noção transcultural e a-histórica do conceito de "patriarcado", nós, como Avtar Brah (2006, p. 351), optamos por

reter o conceito de "patriarcal" sem necessariamente subscrever o conceito de "patriarcado" – historicizado ou não. Relações patriarcais são uma forma específica de relação de gênero em que as mulheres estão numa posição subordinada. Em teoria, pelo menos, deveria ser possível imaginar um contexto social em que relações de gênero não estejam associadas à desigualdade. Além disso, tenho sérias reservas sobre a utilidade analítica ou política de manter fronteiras de sistema entre "patriarcado" e a particular formação socioeconômica e política (por exemplo, o capitalismo ou o socialismo de estado) de que ela é parte. Seria muito mais útil compreender como relações patriarcais se articulam com outras formas de relações sociais num contexto histórico determinado.

Desta forma, entendemos que as experiências emocionais mapeadas nas respostas obtidas a partir da aplicação do questionário que fundamentou a pesquisa de Ramos, ocorrem em um cenário social, político, econômico e cultural específico: o Brasil, em um momento de polarização política, ascensão de discursos conservadores, mas também de inflexão das lutas identitárias, entre estas as que levam pautas feministas. Tempos de precarização da saúde, agravada pelos anos da pandemia da Covid-19, de debates públicos sobre dignidade e pobreza menstrual.

O evento da pandemia atuou como definidor, inclusive, da forma como a pesquisa foi realizada. Dado o período do recém retorno às atividades presenciais nas universidades, em 2022 a rotina acadêmica ainda seguia com alterações, o que interveio na decisão de realização do questionário sem contatos presenciais.

Foi no primeiro ano da pandemia, 2020, que o sintagma "pobreza menstrual" começou a circular nas redes sociais online. A grande mídia adotou o termo, que aparecia também em reposts em perfis pessoais e de perfis de coletivos políticos. Estes, por sua

¹²Even highly educated women perpetuate menstrual taboos in intimate and public ways alike. Robust research across several decades on the many euphemisms women use for their periods signals how sociologically taboo it remains for women in many settings to discuss this basic biological function (for example, Cauterucci 2016; Chrisler 2011; Ernster 1975; Thornton 2013). No matter their metaphoric content, these euphemisms share one goal: to avoid clear biological descriptors such as 'menstruation,' 'menstrual period,' or 'period' (Kissling 1996; Newton 2016; for examples beyond English, see Escaja 2018; Ren, Simon, and Wu 2018).

vez, estavam empenhados em gerar conteúdo próprio sobre o problema, agudizado pela crise da Covid-19. De forma que houve uma vocalização mais audível dos temas associados ao ciclo menstrual, considerando-o para além de aspectos fisiológicos. Assim também discutimos o tema, considerando suas implicações políticas.

Quando analisamos as respostas recebidas é flagrante que o grupo respondente é bastante homogêneo quanto à classe e geração. Todas são pessoas com acesso à internet, que se encontram entre as idades de 15 a 62 anos¹³. A concentração de respondentes na faixa dos 20 anos deveu-se à forma como o questionário foi distribuído, o que também resultou em um número majoritário de universitárias. Ainda assim, a maior parcela de respondentes (57 pessoas), é profissionalmente ativa e declara não ter autonomia em relação aos horários de trabalho. O que dificulta, quando não impossibilita, que organizem tarefas de acordo com fases do ciclo menstrual. Segundo discute Ramos, a partir dos diálogos com o texto de Owen¹⁴,

Isso dificulta a prática da introspecção em alguns momentos do ciclo e condiz com os 59,9% de pessoas que negaram dispor de momentos de repouso durante a menstruação. Porém, um número maior de pessoas afirmou ter o hábito de reservar um instante para si com frequência; o que indica que, além de fatores externos, a menstruação não é comumente tida como uma prioridade (Ramos, 2023, p. 09).

A relação entre capitalismo, menstruação e sofrimento é evidenciada por Yonier Marín e Susani Cassiani. As autoras problematizam a forma como a menstruação vem sendo discutida nas escolas, onde o tema segue limitado às aulas de biologia, sem que os aspectos culturais, econômicos e políticos implicados no fenômeno apareçam.

A insistente biologização das abordagens sobre ciclo menstrual, via medicalização, dificulta que sejam percebidas as relações entre o surgimento do saber biomédico, os interesses burgueses e aumento de práticas de mercado e acumulação de capital.

Marín e Cassiani defendem o ensino da menstruação em uma perspectiva de justiça social, que avance para além de uma biologia enciclopédica; que provoque o pensamento

¹³40 das 72 respondentes tinham entre 20 e 25 anos; 07 pessoas entre 26 e 31 anos; 06 entre 36 e 56; e 01 pessoa de 62 anos.

¹⁴A questão sobre gestão do tempo foi motivada pela tese Owen que relaciona dores e mal-estares experimentados durante o sangramento menstrual às imposições da lógica produtivista e patriarcal, comparando-a com de outras sociedades resistentes aos valores mercantis e alienantes do capitalismo. Escreve a autora, quando comenta os efeitos deletérios da entrada de mulheres no mundo do trabalho: "Entretanto, na cultura preponderante, o que se fixou foi esta ideia da menstruação como uma inconveniência, pois as mulheres se adaptaram cada vez mais a horários de trabalho determinantes pelos homens e a uma nova atmosfera de trabalho que se desenvolveu dentro de uma sociedade patriarcal" (1994, p. 35).

crítico sobre a relação entre ciência e controle dos corpos menstruantes, "especialmente a mulher cisgênera". As autoras atentam também para a relação entre capital e mercado menstrual. Gabriela Paletta (2018, p. 04-05), baseia-se em Owen para exemplificar como esse mercado é amplo, lucrativo e colabora para a domesticação dos corpos menstruantes.

O advento dos tampões, por exemplo, segundo Owen (1994), cumpriu uma função imprescindível, pois as mulheres então não precisariam nem mais olhar para seu sangue. Inúmeros dos "maravilhosos" produtos frutos do "progresso" da medicina e da higiene possibilitaram fingir que, biologicamente, não se "era realmente uma mulher". Owen chama esse tipo de tecnologia (como os tampões, desodorantes vaginais, drogas analgésicas e antidepressivas) de "tecnologia de desconsideração", que tem atuado em conjunto com o mito da "supermulher" – atitude cultural de que a pessoa menstruada não é diferente daqueles que não menstruam.

Ou seja, a lógica neoliberal produtivista procura apagar as diferenças entre menstruantes e não-menstruantes a partir de respostas mercadológicas, as quais colaboram e alimentam percepções contemporâneas sobre a menstruação como um momento indesejável e que pode ser "melhorado", quando não evitado, pela medicalização alienante do corpo menstruado. À essa perspectiva, Owen contrapõe à "menstruação consciente", conceito tratado quase 40 anos depois por Gina Castellano (2023)¹⁵.

Das 72 respondentes, 15 delas já haviam tomado contato com o termo "menstruação consciente". Dentre estas, mais da metade está na casa dos 20 anos, o que sugere que a apreensão destes termos e sentidos para o ciclo menstrual é recente. Passados quase 30 anos da publicação original de *Seu Sangue é Ouro*, e meio século já tenha transcorrido desde os primeiros tempos do ativismo menstrual (BOBEL, 2010), é muito recente a inclusão da menstruação como pauta política nas agendas das diferentes vertentes do feminismo.

Mesmo as respondentes que disseram conhecer as discussões sobre "menstruação consciente" declararam já haver sentido vergonha¹⁶ por menstruar ou desejaram não ser mulher "por conta das dificuldades de manutenção e cuidado decorrentes do corpo com útero". Para a designer e educadora Ornela Barone Zallocco, esses sentimentos em relação ao ciclo menstrual e, sobretudo, ao sangramento, compõem a gramática higienista presente nos discursos biomédicos, que de alicerçam e reforçam a matriz heteronormativa. Assim, a educação menstrual, quando ocorre em contexto escolar,

¹⁵O livro, escrito pela atriz, roteirista e produtora Gina Castellano, foi publicado em 2023, originalmente em espanhol e se intitula *Menstruación consciente - Despierta tu energía y activa tu amor propio*.

¹⁶À pergunta "Se sente (ou já se sentiu em algum momento) constrangido em situações como dizer que está menstruado [linguagem inclusiva] ou precisar comprar/pedir emprestado um absorvente?" era possível responder apenas "sim" ou "não".

restringe-se aos aspectos biológicos do ciclo e dos reprodutivos. As emoções geradas a partir dessa pedagogia são a vergonha, o nojo, mais do que o interesse e a curiosidade (ZALLOCCO, 2019).

Como escreve Evelin Gerda Lindner (2013, p. 856), as emoções têm sido "usadas como ferramentas secretas na dinâmica de poder do passado" e seguem servindo para docilizar insurgências. Nossa pedagogia altamente generificada tem contribuído para que nos mantenhamos atadas a complexos emocionais que envolvem a menstruação numa teia de nojo, humilhação e vergonha.

O nojo é uma emoção reativa, insiste Kolnai, que acontece no corpo, e se manifesta por meio do desprezo (...) Kolnai parte da ideia de que o nojo nuncase relaciona com o inorgânico. O nojo sempre se relaciona com algo que é da ordem do orgânico, da deterioração da matéria orgânica, sua putrefação, viscosidade, etc.. (DÍAZ-BENÍTEZ, GADELHA e RANGEL, 2021, p. 7-8)

À representação do sangue menstrual como sujo Owen contrapõe o ouro como signo de fertilidade, prosperidade e poder. Nas estampas criadas por Ramos, inspiradas em Owen, o sangue menstrual aparece como elemento fertilizador, simbologia presente na estampa "Lunação" (Figura 1) e na "Coletor menstrual" (Figura 2). Na primeira, um ramo de flores goteja sangue sobre uma lua cheia; na outra, um galhode planta se nutre no sangue coletado. Em ambas o sangue é dado a ver e aparece como fluído nutriz.

Figura 1 – Lunação.



Fonte: Autoria de Ramos.

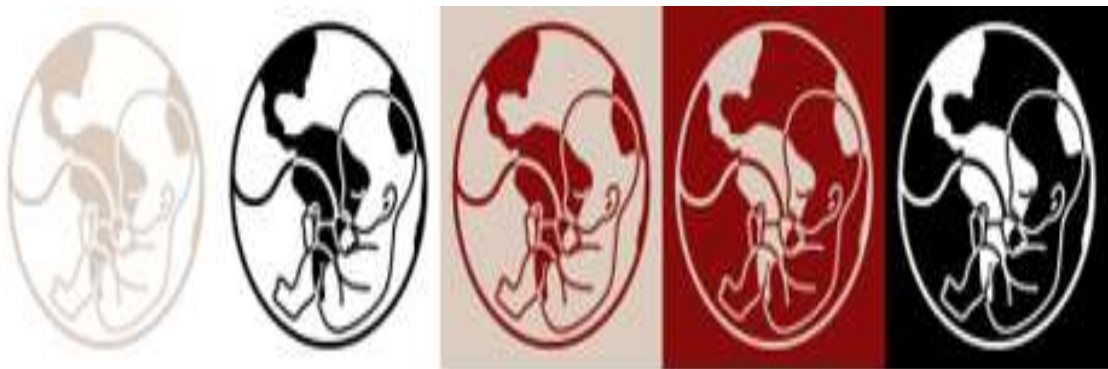
Figura 2 – Coletor menstrual.



Fonte: Autoria de Ramos.

A estampa "A Grande Mãe" (Figura 3) é inspirada na passagem do livro de Owen, na qual a autora remonta a cosmogonia do povo Kogi, que habita o território colombiano. Ao invés do castigo cristão de Eva pago com a dor do parto e com a humilhação do sangramento, na cosmogonia Kogi, houve um sangramento menstrual primordial vertido pela Grande Mãe e que "fluiu para a terra e tornou-se o precioso ouro nas costuras do interior da Terra rochosa" (OWEN, 1994, p. 55).

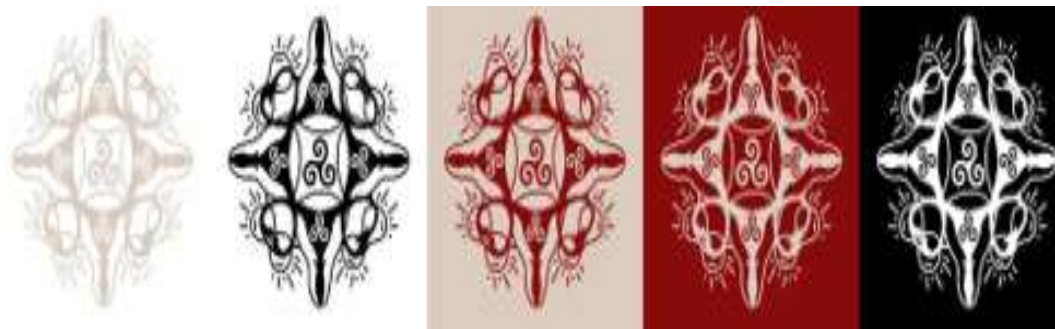
Figura 3 – A Grande Mãe.



Fonte: Autoria de Ramos.

É sobre ciclos e transformações que nos fala a "serpente" simbólica que Lara Owen vai localizar em diferentes tradições. A serpente se associaria às mulheres (Owen está escrevendo a partir da cisgeneridade, como já mencionado) por sua capacidade de se renovar e fluir através da menstruação. Estas são as potencialidades que inspiram a estampa "Mandala" (Figura 4), associada à serpente como animal capaz de trocar de pele e se transformar. É símbolo de poder, morte, renascimento e sexualidade (DI

Figura 4 – Mandala.



Fonte: Autoria de Ramos.

Baseada no gabarito que acompanha a agenda *Mandala Lunar*, material que também emprestou elementos gráficos inspiradores ao conjunto de estampas, "Rotina" (Figura 5) é a padronagem que mescla a experiência contemporânea da menstruação com aquelas tratadas por Owen como ancestrais. "Gosto de considerar que uma das interpretações possíveis para ela seja a ideia de que está tudo bem falhar" (Ramos, 2023, p. 21). Sentir-se indisposta, aceitar que cada fase do ciclo pede atenção às emoções mobilizadas, não é capricho. O "fracasso" não precisa ser vivido a partir da vergonha, do medo ou da ansiedade. É a gestão neoliberal da existência que tem nos exigido o "sucesso" como meta, às custas de uma inquebrantável capacidade para produzir bens, se sentindo bem. Na lógica neoliberal, a falha é imputada ao indivíduo, desassociando-a dos constrangimentos sociais.

Figura 5 – Rotina.



Fonte: Autoria de Ramos.

No lugar do medo, do rechaço e da vergonha, associadas à menstruação, o conjunto de estampas desenvolvido por Ramos busca mobilizar emoções, baseada em outros saberes, os quais articulam outras gramáticas emocionais para descrever o ciclo menstrual.

É das gramáticas emocionais que trata a próxima seção deste artigo, onde, também, promovemos o encontro entre a Antropologia das Emoções e o Design Emocional,

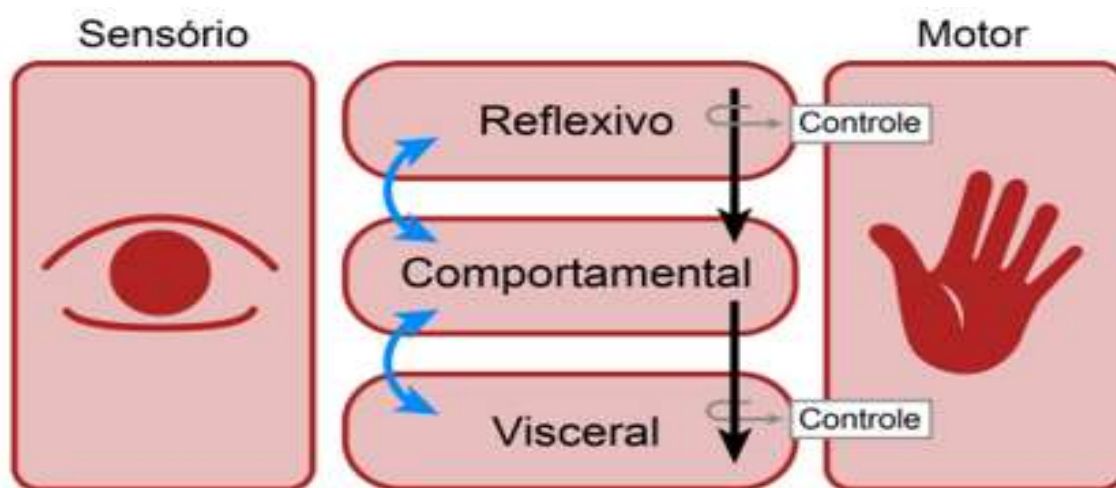
subáreas que tomam as emoções como categoria analítica central.

Emoções, antropologia e design

Design e Emoção convivem há muito tempo, mas a formação de uma subárea que reconhece as emoções como categoria analítica é recente. Foi a partir dos anos de 1990 que começou a emergir um campo específico, que visava a "profissionalização do projetar com o intuito explícito de despertar ou evitar determinadas emoções", (TONETTO e XAVIER DA COSTA, 2011, p. 132). Projetar pensando nas emoções é fazê-lo considerando a dimensão sociocultural no qual o produto é concebido e por onde irá circular. Deste modo, é preciso se ter em conta o "grau em que os sentidos são gratificados (experiência estética), o significado atribuído ao produto (experiência de significado) e os sentimentos e emoções despertados (experiência emocional)" (TONETTO e XAVIER DA COSTA, 2011, p. 133). Estes três níveis de experiência estão propostos por Donald Norman, um nome de referência no Design Emocional.

Norman considera as estruturas neurais do cérebro para propor sua, hoje clássica, tríade de processamentos cognitivos por meio dos quais as emoções são percebidas em um fluxo organizado em camadas ou níveis. O primeiro nível é o "visceral", seguido pelo "comportamental", reunidos no "reflexivo", quando o biológico e o funcional, características dos outros níveis, se encontram com o cultural e o social.

Figura 5 - Níveis de Processamento da Informação | Adaptação de Ramos.



Fonte: NORMAN, 2004, por TONETTO e XAVIER DA COSTA, 2011, p 135.

Ainda que seu edifício teórico se estruture a partir de uma perspectiva bastante biologizada das emoções, Norman também considera a dimensão cultural como

singularizadora destas, uma vez que os comportamentos são referidos a códigos morais, éticos e políticos específicos e tem sua historicidade¹⁷.

Um pouco à moda da antropologia, o autor valoriza a observação participante quando se trata de se projetar considerando-se o nível comportamental. Ali, onde é preciso pensar na funcionalidade do que está se projetando, é preciso ouvir e conhecer aquelas e aqueles para quem se está desenhando. Já o "O design reflexivo cobre um território muito vasto. Tudo nele diz respeito à mensagem, tudo diz respeito à cultura, tudo diz respeito ao significado de um produto ou seu uso" (NORMAN, 2004, p. 106). Por tudo isso, consideramos que é possível traçar, para as análises que nos interessam neste texto, pontos de aproximação entre essa abordagem e perspectiva contextualista da antropologia das emoções.

Desde a década de 1970, nas Ciências Sociais, as emoções vêm sendo consideradas como temas relevantes para a pesquisa. Mas no Brasil, é em 1990, com as pesquisas de Gilberto Velho que este campo analítico se desenvolve (KOURY, 2014)¹⁸. Assume-se, a partir de perspectivas socioantropológicas, que as emoções são cultural e historicamente moldadas e, mesmo sua vinculação com aquilo que o corpo sente e expressa, só encontra seu pleno significado na linguagem. A partir de uma perspectiva "contextualista" da Antropologia das emoções, com a qual nos identificamos, "a dimensão micropolítica dos sentimentos se mostra como tributária de relações de poder, pensadas aqui a partir dos aportes foucaultianos que tomam o poder como estratégia relacional distribuídas difusamente por todo tecido social" (PELÚCIO, 2021, p. 165).

Em diálogo com as perspectivas teóricas expostas, as estampas desenhadas por Ramos foram pensadas para sensibilizar usuáries/es sobre a menstruação como algo de que podem se orgulhar, e por isso, exibir. No nível visceral, proposto por Norman, as estampas pretendem despertar emoções positivas por meio das formas orgânicas, simétricas e sensuais.

O design visceral lida com o natural. As pessoas são programadas, por exemplo, para gostar do odor de flores e de frutas, já que representam o alimento, e, portanto, responder automática e positivamente a eles. É preciso ter cuidado com as diferenças culturais em outros casos, por exemplo, em relação à aparência corporal, pois, variando a cultura, pessoas mais magras ou gordas podem ser preferidas, mas perceba as convenções sociais sobre o que é desejado (NORMAN,

¹⁷Nas palavras do NORMAN (2004, p. 89): "Os seres humanos adultos gostam de explorar experiências muito além das preferências básicas biologicamente predeterminadas".

¹⁸Naquela década, em suas pesquisas, Velho "ênfatizou a cultura emocional, principalmente a das classes médias, no Brasil urbano contemporâneo, principalmente o carioca da Zona Sul da cidade" (KOURY, 2014, p. 845).

Quando consideramos criticamente as variações culturais que "programam" pessoas, compreendemos as relações de poder que (des)organizam, hierarquizam e classificam coisas, fluídos, animais, emoções e pessoas. A partir da perspectiva contextualista da antropologia das emoções, a relação entre sangue e nojo, por exemplo, não são viscerais¹⁹, mas resultado de uma longa e persistente história de imputação de culpa e pecado ao feminino, sustentada pela moral cristão, mas também por discursos médicos, que em sociedade de matriz ocidental, há séculos vêm escrutinado os corpos que menstruam, medicalizando-os.

As manifestações de vergonha, medo e nojo frente ao sangue menstrual e a todo o ciclo da menstruação, têm composto "um idioma para comunicar não necessariamente sensações, mas assuntos diversos, tal como o conflito social, papéis de gênero ou a natureza da pessoa ideal ou desviante" (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990, p. 11. Tradução das autoras). A gramática emocional que organiza essa vinculação faz parte de uma longa história do ocidente, na qual tradições religiosas cristãs e discursos médicos se cruzam. Nessa encruzilhada a associação entre sangue menstrual e perigo se encontram com os discursos sobre irracionalidade e ciclicidade hormonal. Em comum, em ambas perspectivas, os corpos menstruantes precisam ser vigiados, escrutinados e controlados. Afinal, o sangue vertido involuntariamente, ou seja, de forma não controlada, se associa à persistente ideia de descontrole emocional.

A maioria dos conceitos associados à emoção, incluindo particularmente o de irracionalidade, está sugerida pela afirmação de que as mulheres são mais emocionais que os homens. Ao se dizer que as mulheres são emocionais, afirma-se também sua inferioridade, dada a desvalorização cultural generalizada da emoção. Deve-se notar que não estou afirmando que a avaliação negativa da emoção leva a uma avaliação negativa das mulheres porque as mulheres são (objetivamente) emocionais, mas sim que as ideologias de gênero, de self e emoção se reforçam mutuamente no que diz respeito ao local onde a fraqueza e a inferioridade devem ser encontradas. A posição social e ideologicamente fraca das mulheres é assim marcada pelas conexões estabelecidas quando se define o lugar das emoções. (LUTZ, 1988, apud BISPO e COELHO, 2019, p. 187, tradução dos autores).

Enquanto, o cérebro era o órgão que funcionava como uma espécie de metáfora

¹⁹Estamos usando o termo na acepção de Norman, para quem alguns elementos provocam naturalmente os sentidos humanos, sendo interpretados de forma positiva ou negativa. Apesar de considerarmos esta perspectiva universalista e que trabalha em uma chave binária (ou é aprazível ou desprezível), o autor considera que o nível visceral é apenas o mais basilar dos três. Argumenta, ainda, que não há fixidez interpretativa em nenhum dos níveis cognoscentes. Os níveis comportamental e reflexivo, podem mudar a relação com o primeiro nível. Para os fins da discussão que fazemos aqui sobre as escolhas de design feitas para o conjunto de estampas, sua abordagem é bem-vinda. Consideramos, ainda, que a mesma não conflita com as inspirações oferecidas pela leitura de Owen que também inspiraram a designer.

do masculino, a partir do século XIX, em sociedade de matriz ocidental, o útero foi estabelecido como o órgão definidor do feminino. A medicina vitoriana tecia odes também aos ovários, de onde brotava toda a nobreza, intuição, devoção e "eterno cuidado" (OWEN, 1994, p. 34). Nunca é demais lembrar que "hystéra" em grego significa útero²⁰. O desequilíbrio entre razão-cérebro e emoção-procriação resultava na histeria, uma neurose uterina. Não por acaso,

o feminismo moderno rejeitou as ideias de influência hormonal sobre as mulheres, Não surpreende que as feministas reagissem contra a ideia de que mulheres são diferentes durante a menstruação, pois tais ideias tiveram um papel importante, prendendo as mulheres vitorianas de classe média aos seus sofás. Se as mulheres fossem julgadas inconfiáveis devido às mudanças em seus hormônios no decorrer do mês, esta suposta inconfiabilidade era utilizada como uma razão para mantê-las afastadas de posições de poder (OWEN, 1994, p. 34).

Para Lara Owen, será só com a ascensão do feminismo espiritualista que menstruação e poder se conectarão em sociedades ocidentais e ocidentalizadas. A própria Owen parece ir por essa vereda. Ela aproximou-se de saberes ancestrais e abandonou a forma moderna de se menstruar: deixou de tomar pílula anticoncepcional, trocou os absorventes internos por externos e assim poder olhar e reconhecer as mudanças na coloração do sangue. Também passou a se proporcionar o máximo de descanso possível durante o sangramento menstrual. Assim, relata a autora, encontrou uma espécie de poder sobre o seu próprio corpo e ciclicidade.

Em referência a esse poder que remonta a simbologia histórica do sangue como fonte da existência e da vida, a estampa "Coletor Menstrual" homenageia o arquétipo "Sangue", apresentado por Owen na primeira parte de seu livro. A partir da reprodução da arte original de Priscila Barbosa na estampa relaciona o conceito de colher e armazenar o sangue menstrual à sua fertilidade. O coletor de sangue cheio, serve como vaso para a planta que descansa viçosa ali dentro. Interno, o coletor agora é dado a ver. A ideia de fazê-lo circular como manifesto que reage ao segredo e à vergonha imposta ao sangue menstrual, levou à escolha do vestuário no qual a estampa seria serigrafada: a camiseta.

A camiseta, no nível comportamental do design, é antes de tudo prática como peça

²⁰Em sua tese de doutorado sobre a construção da síndrome pré-menstrual (TPM), Miriam Mariano remonta a história da medicalização da menstruação e mostra como o útero foi descrito pelo saber médico do século XIX como um órgão quase antagônico ao cérebro. Mulheres ficavam histéricas porque queriam estudar ou ter uma vida com mais direitos de cidadania. Também podiam enlouquecer caso não levassem uma vida sexual centrada e voltada para a procriação. "Na visão dos médicos daquela época, a menstruação caracterizava a vida da mulher e poderia desencadear acessos de loucura que eram frequentemente identificados com a manifestação do desejo sexual feminino sem a devida vinculação à reprodução" (MARIANO, 2012, p. 39).

de vestir. Sua usabilidade vem sendo comprovada pela forma como foi, nos últimos 60 anos, incorporada à vida urbana, portando signos de juventude, despojamento, descontração, mas também com o item de moda. Considerada hoje em dia uma peça imprescindível, que se comporta bem em diferentes ocasiões, a camiseta é referenciada como peça prática e versátil.

No nível comportamental, o design é para conforto/facilidade de uso, associado ao cotidiano. A escolha das camisetas é, assim, estratégica, pois cumpre um dos objetivos das estampas enquanto produto de design: promover o orgulho de ser um corpo menstruante e/ou posicionar-se criticamente frente a medicalização, mercantilização e silenciamento do ciclo menstrual²¹. As inspirações vem do livro de Lara Owen, por isso os quatro arquétipos tratados pela autora estão representados²². Juntos, eles compõem um sistema cosmológico e cosmogônico, no qual a terra menstruada é geradora e nutriz; o sangue, um fluido que fertiliza, numa ciclicidade regida pela lua, signo de transitoriedade, assim como a serpente, também um signo que faz parte dos arquétipos. "Ao entrar em contato com essa nova perspectiva, imediatamente tive o desejo de compartilhar esse conhecimento com a sociedade, ansiando que cada vez mais pessoas que menstruam despertassem a curiosidade envolvida na descoberta de si mesmas" (RAMOS, 2023, p. 5).

A ideia de imprimir as estampas em camisetas se associa à dimensão política da peça tanto quanto aos custos reduzidos que a mesma pode ter no mercado. Pensando ainda na produção e em torná-lo financeiramente acessível, as estampas obedecem a um padrão de cores chapadas, exigindo apenas uma tela para a estampa serigráfica. O projeto visou gerar "um produto rentável que possibilite a captação de recursos para futuras ampliações da iniciativa" (RAMOS, 2023, p. 5).

Politicamente, as camisetas têm uma história que não se desassocia de sua capacidade de circulação em diferentes espaços. "O uso de camisetas-bandeira, logo, nos desperta para a potencialidade do vestir e ir para a rua como uma das estratégias de participação cidadã sem a necessidade de fazer parte de um sindicato, partido ou associação de base" (ASSIS, 2012, p. 2). Ao mesmo tempo em que pode servir justamente

²¹Para discussões etnográficas sobre esses temas ver DIEGUEZ, ALZUGUIR e NUCCI, 2021, sobre ginecologia autônoma e DE FAVÉRI e VENSON, 2007, que retomam discussões sobre gênero e menstruação na escuta da percepção de mulheres de diferentes gerações do sul do estado de Santa Catarina.

²²Ramos desenvolveu uma quinta categoria de arquétipo, denominada "mulher", representada pela estampa "Rotina" (Figura 5). Nela está simbolizada a simplicidade existente em meio aos complexos processos da natureza. Inspirada nos gabaritos utilizados para preencher mandalas lunares (método utilizado para acompanhar e perceber padrões em ciclos menstruais), a estampa ilustra uma maneira humana bruta de compreender e desvendar infinitas possibilidades.

para nos identificar como membros/as ou apoiadoras/es de sindicatos, partidos ou associações de base. No projeto das estampas, a camiseta pareceu o suporte ideal, pois,

[o] caráter anticonvencional do lançamento da camiseta como roupa de todos os dias, nos anos 50, assinala a vocação libertária que haveria de levá-la à política. A camiseta parece ter-se emancipado da sua condição subalterna anterior para dar voz à necessidade de protesto das pessoas. A contestação parecia seu destino, desde o início (MACIEL, 1988 apud SORIA, 2016, p. 172).

O fato de usar uma camiseta estampada vai além do simples vestir. É uma forma comum de protesto e exposição de ideais ou gostos, sendo uma maneira rica de identificação e expressão pessoal e política. Assim, cada estampa possui uma variedade de interpretações possíveis em suas formas, ao mesmo tempo em que há uma mensagem inscrita nela. O projeto pretende, assim, colaborar para uma comunicação política das emoções.

Figura 6 - Estampas aplicadas às camisetas.



Fonte: Autoria de Ramos.

O design emocional, em seu nível reflexivo, pede uma atuação profissional familiarizada com os significados daquilo que produz para o público para o qual se volta. Ele cobre mensagem, cultura e significados, relaciona-se com o nível visceral, porém é mais refinado do que o primeiro. É no nível reflexivo que elaboramos emoções como saudade ou a alegria diante daquilo que nos parece belo. A paixão por coisas, animais, entidades e pessoas também é reflexiva. O reflexivo é político, pois é nele que as ressignificações e disputas discursivas em torno dos que se aprecia e se valoriza, podem se dar.

Para Norman, "a emoção faz você inteligente". Para Owen, ouvir o corpo e, assim, as emoções, é ouro. Não deve ser motivo de vergonha ou rebaixamento moral. A ciclicidade menstrual, quando respeitada, observada compreendida, revela uma sabedoria

antipatriarcal e, por derivação, antikapitalista. Para a autora, um mundo onde possamos ser livres para menstruar será um mundo no qual se reconhecerá a sabedoria do feminino como recurso social valioso²³.

Feminismos menstruais, sem essencialismos

Lara Owen e Donald Norman dialogam teórica e profundamente com as emoções, mas o fazem amparados, em grande medida, na anatomia cerebral e sinapses; em úteros e hormônios; ambos conferindo centralidade ao corpo. Um corpo que é, nas proposições de Judith Butler (2003), inspirado pela analítica foucaultiana do poder, sempre político. Nosso diálogo com Owen e Norman foi mediado pelos aportes do feminismo pós-estruturalista, pela antropologia contextualista das emoções e pelos estudos queer.

Ainda que as teses de Owen tenham conduzido a pesquisa que alicerça o projeto de design de estampas aqui apresentado, procuramos alargar criticamente suas proposições pensando em corpos que menstruam, uma vez que entendemos que não são apenas mulheres cisgêneras que vivem a menstruação. Homens transexuais e pessoas não binárias também podem menstruar, por isso, viemos insistindo no sintagma "pessoas que menstruam".

O termo "pessoas que menstruam" é uma construção para que se identifique o público de políticas de saúde, isto porque não são apenas as mulheres cisgênero que menstruam, podendo pessoas não-binárias, homens trans, pessoas intersexo e inúmeras outras identidades de gênero menstruarem, assim como não devemos ignorar que muitas mulheres não menstruam, por exemplo mulheres trans, travestis ou mulheres cis que não têm útero, mulheres na menopausa, mulheres que tomam pílula anticoncepcional, dentre outras possibilidades. Assim, quando pensamos na saúde ginecológica e obstétrica, precisamos considerar essas variedades, já que a questão ali é de definição de política pública ampla e não de definição do que é ser ou não mulher (BAHIA e MELLO, 2022).

"Mulher" não é uma substância, mas uma instância política, bem como "homem" também o é. Como propõe Joan Scott, "nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida (SCOTT, 1995, p. 13), e assim, como os gêneros serão pensados em relação com o corpo. O gênero, com

²³Relembramos aqui que Owen está escrevendo *Seu Sangue é Ouro* no início dos anos de 1980, quando as discussões sobre identidades de gênero dissidentes ainda eram tratadas nos marcos das ciências psíquicas (psiquiatria, psicologia, psicanálise), em abordagens mais patologizadas. Mesmo o movimento feminista estava bastante centrado na ideia de Mulher, como um sujeito político homogêneo (melhor dizer, hegemônico). O feminismo radical, por exemplo, era muito uterino, inclusive atribuindo parte das desigualdades entre homens e mulheres (não se falava ainda em gênero), ao aparelho reprodutivo de mulheres cisgêneras (para uma discussão primorosa sobre a categoria mulher nas vertentes feminista, ver Piscitelli, 2022).. Como tributária dessa onda, Owen está concentrada na mulher cisgênera, branca e de classe média.

sua dimensão social, histórica e política, "é uma forma primeira de significar relações de poder", argumenta Scott (1995, p. 86). Estabelecem-se, assim, hierarquias.

As hierarquias que organizam os gêneros também se plasam a corpos e a territórios. Um exemplo dessa ordenação aparece quando culturas não-ocidentais são (des)qualificadas como menos racionais, mais afeitas à natureza e com uma economia estreitamente ligada à terra, forma uma cadeia de significados que remetem ao que se convencionou como próprio de mulheres. Ao masculino, dentro dessa mesma lógica derivativa, tem-se atribuído os atributos contrários: a razão, a civilização e o industrialismo.

Joan Scott associa de forma clara a crítica ao binarismo e ao essencialismo. Segundo a autora, precisamos de teorias que nos permitam pensar em termos de pluralidades e diversidades, em lugar de unidades e universais; que rompam o esquema tradicional das velhas tradições filosóficas ocidentais, baseadas em esquemas binários que constroem hierarquias, como aquela entre universos masculinos e especificidades femininas; que nos permitam articular modos de pensamento alternativos sobre o gênero; e "que seja[m] [...] [úteis] e relevante[s] para a prática política" (MARIANO, 2005, 486-487).

As estampas baseadas nos arquétipos trabalhados por Owen acionam signos de saberes ancestrais, compreendidos como discursos que se contrapõem aos binarismo ocidentais que hierarquizam corpos, gêneros e, como parte desse corolário, organizam também as emoções.

O projeto aciona uma linguagem de design que busca desafiar a hierarquia dos binários de gênero, corpos, culturas e territórios. Assim, a serpente, um dos arquétipos de Owen, deixa sua pele pecadora e se enlaça em uma mandala visceralmente orgânica. Mais uma vez, o "visceral" aqui usado, remete a Norman e sua proposta de que há algo do design da natureza que nos interpela como humanos e provoca emoções basilares, a partir das quais elaboramos sentimentos mais complexos.

Partindo da observação da ciclicidade da natureza, as transformações geradas a cada período de vida, a serpente desliza, desvia, descama e se reinventa. Em *Seu Sangue é Ouro*, a cobra/serpente é simbolicamente associada à morte, renascimento, sexualidade e ao poder. "O mito da serpente, que parece ter grande importância no ideário tratado aqui, exprime o retorno a uma espécie de conhecimento/poder, que seria essencialmente feminino" (DIEGUEZ, ALZUGUIR e NUCCI, 2021, p. 13-24). Como já pontuamos, os essencialismos não nos interessam como referentes que fixam fenômenos, sejam naturais ou culturais. Assim, esse conhecimento/poder, que seria "essencialmente feminino", na perspectiva desconstrucionista e contextualista que abraçamos, estende-se a todos os

corpo menstruante.

Foi com o intuito de expressar essa ótica que Ramos construiu a “Mandala” (Figura 4). A imagem mostra úteros entrelaçados, gerando uma forma orgânica inconstante. O movimento sugere, ainda, a agência desses sujeitos em relação a seus corpos, propondo outra gramática para pensarmos a menstruação e todo ciclo. Como mostra Daniela Manica

o fluxo sanguíneo assim como os outros processos fisiológicos, tais como a menopausa e o trabalho de parto, são percebidos como estados pelos quais as mulheres [e corpos capazes de gerar] “passam”, ou fatos que “acontecem com elas”, e não “ações que elas realizam” (MANICA, 2006 apud PALETTA, 2018, p. 07).

O controle sobre as pessoas que menstruam se torna, pelas epistemologias ancestrais acionadas por Owen, o controle dessas pessoas sobre as ações que seus corpos realizam. De maneira que a ideia de “descontrole” associada ao feminino dá espaço para a concomitância entre ter controle e permitir-se dele abrir mão.

Sabemos que “qualquer discurso sobre emoção é também, pelo menos implicitamente, um discurso sobre gênero” (LUTZ, 1990, apud BISPO e COELHO, 2019, p. 186). Catherine Lutz relaciona os pares emoção/razão e emoção/ distanciamento, à ordem de gênero de sociedades europeias e norte-americanas.

Na primeira oposição, a emoção seria associada ao feminino e ao descontrole, sendo por isso o polo negativo, enquanto a razão seria atributo do masculino e do controle, sendo, portanto, o polo positivo. Na segunda oposição, as associações entre emoção e gênero permanecem, mas as valorações se invertem: a emoção associada ao feminino recebe a valência positiva porque expressa, agora, a capacidade de envolvimento com o sofrimento alheio, enquanto o masculino aparece como frieza e distanciamento, quase que como uma ausência de empatia, recebendo então a valência negativa. Para Lutz, toda a etnopsicologia euro-americana giraria em torno desses dois eixos, o que fariados temas do gênero e do (des)controle pedras fundamentais da antropologia das emoções (VICTORA e COELHO, 2019, p. 10).

Para Owen, assim como para diversos grupos que estão hoje organizados a fim de pensar a menstruação como potencialmente política, ter o controle do ciclo menstrual é um caminho para alcançar a autonomia sobre nossos corpos e, assim, descolonizá-los dos saberes médicos. Além da articulação com vertentes diversas do feminismo, emerge o movimento sociocultural e político que promove o que chamam de Ginecologia Natural. Como observa Calaffel Sala (2019) esses grupos

estão ligados também a ideários mais amplos, que vêm ganhando força nas últimas décadas, a exemplo do ideário da humanização do parto e do nascimento ditos “naturais” – que, por sua vez, provém, como observa Tornquist (2002), de um universo neo-espiritualista, com raízes na contracultura e no pensamento libertário/individualista das décadas de 1960 e 1970 (DIEGUEZ, ALZUGUIR e NUCCI, 2021, p. 3-24).

Mas se distanciam dessas raízes liberais da década de 1970.

No presente, parte desses feminismos menstruais reconhecem que a menstruação não é uma experiência exclusiva de mulheres cisgêneras. Deslocam, assim, as discussões sobre gênero das abordagens apoiadas em um certo "fundamentalismo biológico"²⁴ (NICHOLSON, 2000), por meio do qual as diferenças biológicas seriam responsáveis por desigualdades sociais e políticas. Mais do que enfrentar as desigualdades entre binários de gênero por meio da posituação do feminino, como faz Owen, buscamos pensar em experiências contemporâneas em torno do gênero, da sexualidade e de corpos que borram a dicotomia feminino-masculino. Conciliar essa perspectiva com as de Owen e Norman, foi nosso grande desafio.

Com Norman, pretendemos tratar as emoções no espectro do design, pensando no sangue como fluído que irriga todos os níveis emocionais propostos pelo autor. Traduzidos em um conjunto de cinco estampas pensadas para impressão de baixo custo em uma peça de vestuário com história política, a camiseta.

Por fim, sublinhamos que as estampas inspiradas em *Seu Sangue é Ouro*, procuram ressignificar graficamente complexos emocionais associados à menstruação, tais como medo, vergonha e descontrole. Nas reflexões biográficas e teóricas de Owen o ciclo menstrual se converte em um fenômeno político amplo por meio do qual saberes médicos, capitalismo e patriarcado são questionados. Essa complexa alquimia política, promove um outro campo emocional, no qual autonomia, controle e cuidados de si resultam como matéria preciosa.

²⁴A crítica de Linda Nicholson avança em relação ao conceito de determinismo biológico propondo alargá-la, mostrando que há uma dimensão política que atravessa as percepções deterministas. Assim, "o fundacionalismo biológico" entende que fazer com que dados da biologia coexistam com os aspectos de personalidade e comportamento é uma forma de justificar desigualdades que são, de fato, social e politicamente constituídas. "Tal compreensão do relacionamento entre biologia, comportamento e personalidade, portanto, possibilitou as feministas sustentar a noção, frequentemente associada ao determinismo biológico, de que as constantes da natureza são responsáveis por certas constantes sociais, isso sem ter que aceitar uma desvantagem que se torna crucial na perspectiva feminista, a de que tais constantes sociais não podem ser transformadas" (NICHOLSON, 2000, p. 12).

Referências bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila.; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. *Language and the politics of emotion*. York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.
- ASSIS, Fernanda Regina Rios. Não é só uma Camiseta: Mulheres e o Ativismo em Redese Ruas. *Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*, Florianópolis, 2021, pp, 1-12.
- BAHIA, Alexandre M. F., MELLO, Ge. O Pânico Moral Cisnormativo contra "pessoas que menstruam". *Empório do Direito.com.br*. 08/12/2022 Disponível em: <https://emporiiododireito.com.br/leitura/o-panicomoral-cisnormativo-contrapessoas-que-menstruam#:~:text=No%20dia%2001%20de%20dezembro,Djamila%20Ribeiro%20para%20sua%20coluna>. Último acesso em 20/05/2023.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade: entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radicais trans-excludentes. *Leitura*, n. 69, p. 55-68, 2021.
- BISPO, Raphael; COELHO, Maria Claudia. Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 28, n. 2, p. 186-197, 2019.
- BOBEL, Chris. *New blood: Third-wave feminism and the politics of menstruation*. Rutgers: University Press, 2010.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos pagu*, v. 26, p. 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CALAFELL SALA, Núria. "La ginecología natural en América Latina: un movimiento sociocultural del presente". *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 33, p. 59-78, 2019.
- CASTELLANOS, Gina. *Menstruación consciente - Despierta tu energía y activa tu amor propio*. Cidade de Mexico: Grijalbo, 2023.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. *Anuário Antropológico*, v. 46, n. 3, p. 10-29, 2021.
- DIEGUEZ, Roberta Siqueira Mocaiber; ALZUGUIR, Fernanda de Carvalho Vecchi; NUCCI, Marina Fisher. "Descolonizar o nosso corpo": ginecologia natural e a produção de conhecimento sobre corpo, sexualidade e processos reprodutivos femininos no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 37, p. 1-24, 2021.
- DE FÁVERI, Marlene; VENSON, Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segregado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. *Anos 90*, v. 14, n. 25, p. 65-97, 2007.

- GOTTLIEB, Alma. Menstrual taboos: Moving beyond the curse. In: Bobel, C., Winkler, I.T., Fahs, B., Hasson, K.A., Kissling, E.A., Roberts, TA. (Eds), *The Palgrave handbook of critical menstruation studies*. Singapore: Palgrave MacMillan, p. 143-162, 2020.
- GUZMÁN, Boris Ramírez. Colonialidade e cis-normatividade. Entrevista com Viviane Vergueiro. *Iberoamérica Social: revista – red de estudios sociales* (III), pp.15–21, 2014.
- JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Cronos – Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN*, v. 11, n. 2, 2010, p. 8-19.
- KAAS, Hailey. Birth of Transfeminism in Brazil: Between Alliances and Backlashes. *Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 146-149, 2016.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. *Sociedade e Estado*, v. 29, p. 841-866, 2014.
- LINDNER, Evelin Gerda. O que são emoções?. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, RBSE*, v. 12, n. 36, p. 854-846, 2013.
- MARIANO, Miriam Oliveira. *A construção da síndrome pré-menstrual*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, p. 483-505, 2005.
- MARÍN, Yonier Alexander Orozco; CASSIANI, Suzani. Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 14, n. 22, 2021.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo – V. 10*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- NORMAN, Donald. *Design Emocional*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.
- OWEN, Lara. *Seu sangue é ouro: resgatando o poder da menstruação*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- PALETTA, Gabriel. C. . Menstruapps e possíveis interseções entre corpo, tecnologia, política e gênero. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia. Anais da 31ª RBA*, 2018. p. 1-20.
- PELÚCIO, Larissa. As Fridas, o capitão e os grupos da família: estratégias emocionais feministas para enfrentar a desordem da informação. PELÚCIO, L; CABRAL, R. (org.). *Comunicação, contradições narrativas e desinformação em contextos contemporâneos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 153-172.
- PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher. A prática feminista e o conceito de gênero. *Textos Didáticos*, v. 48, p. 7-42, 2002.

SCOTT, Joan. "Gênero, uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, 1995, pp. 71-99.

SORIA, Salma. A camiseta como suporte político. *Modapalavra e-periódico*, v. 9, n. 18, p. 171-191. 2016.

TONETTO, Leandro Miletto; XAVIER DA COSTA, Filipe Campelo. Design Emocional: conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa. *Strategic Design Research Journal*, v. 4, n. 3, 2011.

TREVIZAN, Helena. O Fluxo da Vida: *Estampas inspiradas nos conceitos do livro "Seu sangue é ouro", de Lara Owen*, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2023.

VERGUEIRO, Viviane; GUZMÁN, Boris Ramírez. Colonialidade e Cis-normatividade. Conversando com Viviane Vergueiro. *Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales*, n.3, p. 15-21, 2014.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, p. 7-21, 2019.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, 2020.